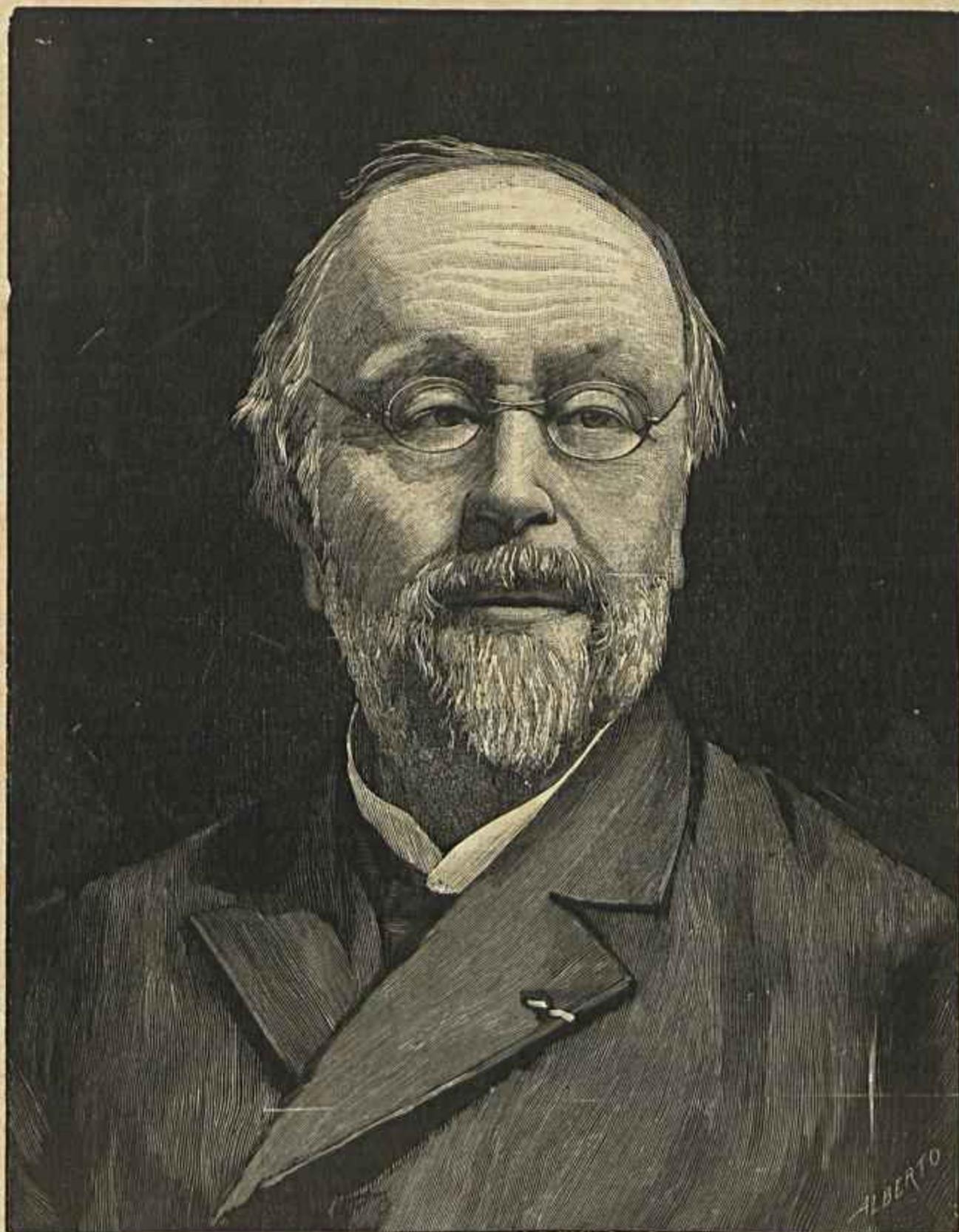


# OC C I D E N T E

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura                | Anno<br>36 n.º | Semest.<br>18 n.º | Trim.<br>9 n.º | N.º<br>à<br>entrega | 16.º Anno — XVI Volume — N.º 513 | Redacção — Atelier de Gravura<br>Administração<br><i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4)</i>   |
|--------------------------------------|----------------|-------------------|----------------|---------------------|----------------------------------|--|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 36800          | 18900             | 6950           | 6120                | 21 DE MARÇO DE 1893              | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)...    | 46000          | 26000             | —              | —                   |                                  |  |
| Extrang. (união geral dos correios)  | 56000          | 26500             | —              | —                   |                                  |  |



HYPOLITO TAINE — FALLECIDO EM PARIS NO DIA 6 DO CORRENTE

(Cópia de uma photographia do quadro de Bonnat)



## CHRONICA OCCIDENTAL

A semana decorrida foi assignalada entre nós por um acontecimento litterario de primeira ordem, pela representação de mais uma peça original d'um dos mais gloriosos dramaturgos do nosso tempo, pelo apparecimento no theatro de D. Maria da formosa comedia *Os velhos*, original de D. João da Camara.

Foi na noite de 11 do corrente que se deu essa primeira representação. O theatro estava completamente cheio e de ha muito que não se encontrava um bilhete para essa *première* celebre.

A anciedade habitual do publico por uma obra nova d'um auctor de grande reputação, cujo enorme talento lhe é particularmente querido, juntava-se a curiosidade de ver, esse escriptor abordar um genero inteiramente differente d'aquelle em que até então triumphára — uma comedia moderna, uma comedia em prosa, elle o auctor d'esses dois bellos dramas historicos e em verso, que são brilhante gloria da nossa litteratura dramatica contemporânea, o *D. Affonso VI* e o *Alcacer Kibir*.

*Os velhos* eram portanto como que uma estreia, a estreia na comedia d'um mestre no drama, uma estreia das mais perigosas, das mais difficeis, porque o estreante trazia atraz de si gloriosos pergaminhos, que affastavam para longe toda a benevolencia que de ordinario se tem para com aquelles que principiam.

E os *Velhos* foram um triumpho para D. João da Camara, como triumpho lhe tinham sido, o *Alcacer Kibir* e o *D. Affonso VI*.

O publico ouviu enlevado, encantado aquelles tres deliciosos actos de comedia, realistas como uma pagina de Zola, mas ao mesmo tempo perfumados de doce poesia como um romance de Julio Diniz e fez uma calorosa e entusiastica ovação a João da Camara e aos seus excellentes interpretes, que deram á formosa comedia um desempenho verdadeiramente primoroso.

Depois veio a critica e começou a fazer as suas restricções n'esse entusiasmo do publico; que os *velhos* eram uma galeria de deliciosos quadros, mas que não eram uma peça, que lhes faltava o enredo, que era frouxa a acção, que careciam de interesse theatral.

Mas o publico, em supremo juiz, annullou a sentença da critica e fez da peça de João da Camara cujo valor litterario ninguem contestava, um verdadeiro successo theatral, enchendo o theatro de D. Maria em todos as noites que os *Velhos* se representam, enchendo de applausos a peça e victoriando o seu auctor.

E a peça de D. João da Camara pôde não ter isso que a critica diz, pôde não ter muito enredo, pôde não ter muita acção, pôde não ter muito interesse, mas tem talento ás mãos cheias, tem essa coisa que só se encontra nas obras verdadeiramente superiores e a que os francezes chamam *charme*.

De todas as scenas dos *Velhos*, de todo o seu dialogo rescende um doce e magico encanto, que enebria o espectador, um encanto que elle não está muito acostumado a encontrar a miude no theatro e que o delicia, o deslumbra, o fascina.

Não ha nada mais simples do que a acção que desliza serenamente, sem complicações de enredo, sem situações violentas, por entre aquelles tres actos deliciosos, e entretanto nada mais bello, mais captivante, mais encantador.

Em toda a peça não ha uma unica situação de drama, uma unica phrase de rhetorica melodramatica e entretanto em mais d'uma scena as lagrimas brilham nos olhos e uma suave commoção agita todo o nosso ser.

Não contarei a peça como todos o tem feito, o que aliás é facilimo de fazer.

Contar a peça não serve de nada, não diz nada o que a peça é.

Não é pela acção, pelo enredo que a peça vale, é pelos *detalhes*, pelos episodios, pelo dialogo, pelo estudo de caracteres, pelos pequenos quadros da vida da provincia apanhada em flagrante, por um poeta que é um observador, por um observador que é um poeta.

*Os Velhos* não se contam, veem-se, ouvem-se, e ouvem-se e veem-se como elles são representados pelos artistas de D. Maria é um dos mais delicados prazeres artisticos que temos encontrado no theatro.

Entre esses encantadores quadros episodicos, que constituem o grande o prestigioso valor da nova peça de João da Camara, não é facil diffe-

rençar primasias, entretanto chamamos especialmente a attenção dos nossos leitores para a scena da ceia no terceiro acto, que é uma perola litteraria de inestimavel valor, uma verdadeira obra prima, em que a magistral scena da portaria, do *D. Affonso VI* encontrou um *pendant*.

O desempenho dos *Velhos* é um verdadeiro primor. Não ha senão a dizer bem de todos: João Rosa fez uma criação magistral do velho prior cego, Brazão magnifico no Patacas, Joaquim Costa extraordinario no papel de barbeiro d'aldeia alem-tejana, Ferreira da Silva excellente no galan da peça, Rosa Damasceno encantadora na Emilinhas, Emilia Candida magistral na velha criada, Virginia deliciosa de simplicidade e de bonhomia na sua velhinha, muito bem Emilia Lopes e Augusto Antunes nos seus papeis.

Resumindo os *Velhos* foram um grande successo, triumpharam em toda a linha e nós registamos aqui esse brilhante triumpho, que é mais uma gloria para a nossa litteratura dramatica, com tanto prazer como se elle fosse nosso, congratulamo-nos com esse successo, como com o successo d'um irmão querido.

No theatro de S. Carlos depois de muitos annuncios e de muitos contra annuncios appareceu a *Hebrea*, a famosa opera de Halevy, que se tem algum defeito é o de ter musica de mais, ser uma indigestão de musica que fatiga o nosso publico, que não gosta de espectaculos que terminem depois da meia noite.

A *Hebrea* foi cantada pela sr.<sup>a</sup> Arkel e Ruanova pelos srs. Metellio e Rossi e não foi mal cantada; mas não sei o que falta esta epoca em S. Carlos, que todas as operas mesmo aquellas que agradam — á excepção do Orpheu — agradam sempre friamente, sem aquelle entusiasmo ruidoso das outras epocas, o entusiasmo da *Giocunda*, do *Othello*, com a *Tetrazini*, do *Chispim* com a *Theodorini*, da *Mignon* com a *Borghì*, da *Lakmé* com a *Van-Zandt*, do *Hamlet* com a *Devriès*.

Evidentemente, indiscutivelmente a estrella da companhia é a sr.<sup>a</sup> Regina Pacini. Quando ella canta o rondó da *Lucia*, o rondó da *Somnambula*, as variações de Proch, o thermometro do entusiasmo sobe, como nas bellas noites de S. Carlos, mas é de mui curta duração essa elevação de temperatura no entusiasmo do publico e o thermometro baixa logo porque francamente com a *Lucia* com a *Somnambula* já não ha maneira alguma de entusiasmar durante uma noite inteira o publico de Lisboa.

A sr.<sup>a</sup> Arkel por exemplo é uma cantora muito distincta, mas é fria demais para entusiasmar uma plateia peninsular. Ouve-se com muito agrado, o publico gosta de a ouvir, applaude-a, mas applaude-a sem calor, frio tambem como frio é o temperamento artistico d'ella.

O sr. Metellio, que se estreiou na *Africana* e que nós só ouvimos na *Hebrea*, é um bom artista, mas um artista já cansado. Tem arte, tem a escola franceza, que não é muito do gosto do nosso publico, mas que nós apreciamos muitissimo; mas tem sempre que estar na defensiva, tem que se servir do muito que sabe para encobrir o bastante que já lhe falta, e d'ahi um certo retrahimento n'elle'a que corresponde um certo retrahimento do publico.

O sr. Rossi é um artista que começa. Na sua excellente voz de baixo ha umas notas deliciosas, mas ha outras que o não são: — as notas graves. Tem bellas qualidades artisticas, tem excellente apresentação, está no caminho de ser um magnifico artista mas ainda não chegou ao seu destino.

E são estes os principaes artistas: porque dos outros não pode vir com certeza calor ao entusiasmo do publico e pelo contrario d'alguns d'elles vem de vez em quando um copo d'agua fria n'esse entusiasmo, como por exemplo do tenor que canta na *Hebrea* a parte de principe Leopoldo.

O sr. Kaschmam que já ha muitos dias está em Lisboa ainda não debutou. O seu debute está annunciado para hoje e vamos a ver se elle faz o milagre de trazer a S. Carlos a animação o entusiasmo, o calor, cuja falta tão sensivel tem sido.

Pode muito bem ser que sim, porque Kaschmam é um grande artista e segundo as informações que d'elle temos, está ainda em plena posse de todos os seus brilhantes recursos artisticos e não yae ainda no caminho do occaso caminho em que o Massini já yae dando alguns passos.

Ao principio disse-se que Kaschmam debutava no *Hamlet*, opera em que deixou gloriosas recordações em S. Carlos, em que é realmente grande, opera em que nenhum baritono o igualou em Lisboa; mas no fim de contas o *Hamlet* já se não canta este anno, por falta de contracto o que é

realmente pena, porque se a empresa tivesse prorogado a escriptura da *Amelia Stahl*, com ella Pacini e Kaschmam, teriamos um bello *Hamlet*; depois esteve annunciada a sua estreia nos *Puitanos* e finalmente parece que se estreiará este noite no *Taunhauser* de Wagner que pela primeira vez se cantou em Lisboa e a que largamente nos referiremos na proxima chronica.

Inaugurou-se ha dias nas salas da Academia de Bellas Artes a exposição do grupo artistico, exposição que está chamando muito as attensões do publico, e com muita razão de ser, pois, segundo se diz é uma das mais felizes exposições de bellas-artes que n'estes ultimos annos tem havido em Lisboa e figuram n'ella quadros de muito valor, entre elles paysagens de S. M. a Rainha D. Amelia e uns pasteis de El Rei D. Carlos.

A bronchite que nas ultimas semanas nos prendeu em casa, deu-nos uma folgasinha d'uns dias, concedeu-nos licença para irmos ver a *première* da *Hebrea* a *première* dos *Velhos*, a festa de caridade promovida em S. Carlos pelos estudantes das escolas superiores patrocinados por uma commissão de senhoras da nossa primeira sociedade em beneficio do cofre aos estudantes pobres, festa muito brilhante em que Pacini teve ruidosa ovação, cantando magistralmente, *paticamente*, permittam-nos o adverbio, as variações de Proch, em que o tenor Metellio foi muito e justamente applaudido, em que Cinira Polonio teve um triumpho nas suas *chansonnettes* e em que um grupo de estudantes da escola medica, da escola polytechnica e da escola do exercito alcançou ruidosos applausos representando primorosamente, com immensa graça uma farça feita expressamente para pôr em relevo a aptidões comicas d'alguns d'elles; deu-nos essa folga, a bronchite, mas arrependeu-se depressa e cá estamos outra vez de volta com ella, o que nos inhibiu de visitar a exposição, que tem sido muito concorrida e que está fazendo sensação no nosso publico.

Logo que a possamos visitar diremos aos nossos leitores a nossa impressão pessoal apenas, que enquanto a critica muciosa dos quadros expostos, occupar-se ha d'ella o OCCIDENTE, em successivos artigos, illustrados com a reproducção dos melhores quadros.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

HYPOLITO TAINE

Mais um grande espirito da França acaba de se retirar do mundo, deixando um luminoso rastro que por muito tempo o illuminará jorrando das paginas brilhantes que produziu.

É do grande philosopho, do historiador e do critico Taine que fallamos porque foi elle que desapareceu de entre os vivos.

Foi um mestre cuja influencia não se limitou á litteratura do seu paiz, mas se estendeu a todo o mundo culto. Os da sua geração admiram n'ó e respeitavam-n'ó; alguns estudaram o para o imitarem, elle porém era inimitavel. Seguindo Hegel, inspirando-se em Voltaire creou uma individualidade toda sua que lhe deu os foros de mestre. Trabalhador infatigavel, os de hoje não tem aquella força d'alma.

D'elle diz largamente na *Illustration* Francisco Sarcey, seu admirador e seu condiscipulo. Demos-lhe a palavra, porque conta melhor do que nós poderiamos contar, o que foi Taine e qual a sua obra:

Depois de Ernesto Renan, é Hippolyto Taine quem se foi: os dois homens que talvez exerceram uma acção a mais decisiva sobre os espiritos d'este tempo, desapparecem um apòz o outro.

Deixam no mundo um grande vacuo que não será facilmente preenchido.

Taine nasceu em 1828 em Vouziers, nas Ardennes. Tinha feito excellentemente os seus estudos no lyceu Bonaparte; alcançou, em 1847, o premio de honra de rhetorica e entrou como o primeiro na Escola Normal em 1848. Temos contado demasiadamente nos jornaes a historia d'esta promoção celebre para que haja utilidade em

recordal-a hoje. Foi alli que eu conheci Taine e que me senti tomado para com elle, bem como todos os meus collegas d'então, d'uma admiração viva e uma amizade sincera. Era desconhecido por todos nós e mesmo por About, como o primeiro, o mestre, o homem que devia um dia fazer mais honra á Escola.

O que nos espantava n'elle, era uma força de trabalho tal, que nunca encontrei em parte alguma, uma egual; um espirito de curiosidade que se estendia igualmente por todos os ramos de conhecimentos, desde a philosophia e altas mathematicas até á musica e pintura. Taine sabia tudo, como que se interessasse em tudo, sentiamos-nos contentes em o folhear como uma enciclopedia viva, estava prompto para todas as perguntas e despejava a nossos olhos o thesouro de documentos, o de ideias novas e o de descobertas originaes que se tinha feito jorrar.

Possuia esta superioridade sem pretensão nem orgulho. Jámas houve mancebo tão modesto, collega tão affavel e tão sorridente. Era tão amado por todos nós quanto respeitado por nós todos.

Ao sahir da Escola soubemos com um desgosto forte misturado de indignação que o tinham recusado no concurso de agregação, em que elle fôra brilhante, para assim o punirem das suas opiniões pouco orthodoxas que tinha desenvolvido perante o jury. Foi indo de desgraça em desgraça até que emfim por uma especie de escarneo mandaram o reger a aula da sexta classe em Besançon. Era um cumulo, como se diz presentemente; alli deu a sua demissão e veio procurar fortuna em Paris aonde propunha doutorar-se.

M. Hachette acabava de fundar uma revista de instrucção publica, aonde elle recolhia os destroços da Universidade agitada então por uma forte tempestade. Taine escrevendo a sua these, que devia mais tarde formar o volume que publicou sobre as fabulas de Lafontaine, em que deu artigos que fizeram sensação no corpo de ensino e mesmo fôra d'elle *A Revue des Deux-Mondes* abriu-lhe as suas portas; a custo ganhava com que viver. Mas elle era simples, frugal e obstinado no trabalho.

Recordo-me tê-lo ido vêr a um pequeno quarto que elle habitava na rua Cassette. Não tinha outros moveis além d'um leito, uma cadeira, uma commoda e uma meza carregada de papeis. Não se inquietava com a vida material.

Vivia inteiramente, como Spinoza, seu mestre, sómente pelo pensamento e para o pensamento. Eu não sei se elle teria tido que conter algum desejo de estroinar, o pobre!... A alma tinha-lhe devorado e aniquillado o corpo.

O primeiro livro que revelou o futuro philosopho ao grande publico, foi um de descripções pittorescas: *Voyage aux Pyrénées*. Hachette tinha-lhe encomendado uma guia; Taine atreve-se n'esta obra onde aos quadros da natureza juntou as reflexões sobre historia, as considerações as mais elevadas e as mais novas sobre ethnographia, politica, metaphysica e arte. Hachette teve bastante gosto para apreciar o justo valor da obra. Um João qualquer fez a guia de que elle tinha necessidade e publicou o manuscripto d'este homem de que a primeira tentativa d'ensaio, era um golpe de mestre.

No anno seguinte appareceu os *Philosophes français du dix-neuvième siècle*. Era um pamphleto, e o destino dos pamphletos é não serem mais lidos, quando a causa que appoiam ou defendem fôr vencido. Eu creio que o de Taine foi lido demasiadamente.

Mas todos aquelles que conheceram os primeiros annos do imperio podem contar hoje a inaudita emoção que elle excitou. O electismo reinava então como soberano incontestado no ensino official, e M. Cousin era o grande Lama d'esta religião perante a qual todas as cabeças se curvavam.

Elle cahiu e desmoronou-se aos golpes d'este logico, que dispendeu n'esta polemica uma vivacidade uniforme, uma graça picante e um estylo que elle não encontraria mais.

Tenho tido sempre um certo fraco por este livro que foi um dos encantos, um dos deslumbramentos da minha mocidade. Parece-me que n'esta época Taine recentemente sahido das leituras de Voltaire, que nós juntos faziamos na escola, procurava revestir a razão com forças mais vivas e avivar com espirito a sua logica inflexivel.

Mais tarde mudou de maneira. Preferia, para mestre de linguas, Theophilo Gautier, Flaubert e os Goncourt a Voltaire. Procurou a imagem e laboriosamente tirou-a da contemplação das coisas ou das ideias. Fez um estylo, ou, para fallar a giria de hoje, uma maneira de escrever d'um re-

levo poderoso, d'uma côr brilhante, offuscante, mas em que se revelava e sentia muitas vezes a tensão do esforço.

Não conheceu a graça da facilidade e da despretenção, mesmo nos assumptos em que estas qualidades teriam parecido as mais necessarias. Para prova, lêde o volume que tem por titulo: *Notes et opinions de M. Frédéric Thomaç Graindorge*. São uns artigos da *Vie Parisienne*. N'elles quiz Taine agarrar a graça elegante e um pouco fresca de Meilhac, Droz, About que então faziam as delicias dos apreciadores. E' philosopho não obstante os seus arrebatamentos. Os raciocinios e as imagens avançam geometricamente, por batlhões cerrados. A obra é curiosissima, interessantissima para ler.

Tambem Taine não se magoava por agradar pouco. Tinha um systema de philosophia, e elle não sentia outra ambição senão a de expôr e impôr. Tinha dado já os primeiros traços n'um estudo sobre Tito-Livio, que havia lido sómente aos universitarios. Proseguia na explicação nos seus *Etudes de critique et d'histoire* que abalaram profundamente os espiritos.

Este systema, ser-mê-ha perdoado o não discutil-o na *Illustration*, na qual nos devemos abster de assumptos graves em demasia e aridos em extremo. Contentar-me-hei, dizendo que Taine tomou sobre a mocidade um ascendente extraordinario e de que talvez não haja exemplo egual. E este ascendente era tanto mais singular, quanto o homem occultava e se furtava a toda a curiosidade. Vivia solitario e só a sua obra lhe espalhava as ideias pelo mundo; acção pessoal só a tinha na sombra. E' verdade que Taine tinha sido encarregado d'um curso de esthetica na *Escole des Beaux Arts*, mas regia-o sobriamente, com voz precipitada e clara, sem sombra de charlatanismo. Era a sua alma que communicava com as outras almas. Não emittia do rosto emmagrecido e pensativo effluvio algum. Parecia que o orador e o publico pairavam no mundo silencioso das ideias puras.

A primeira obra que estabeleceu a reputação de Taine em bases grandes e solidas foi a historia da litteratura ingleza.

Quando ella appareceu hesitou-se, não se soube mesmo o que seria preciso apreciar mais se, o immenso trabalho que presuppunha uma enorme multidão de conhecimentos, se a variedade e novidade das opiniões e dos exames, ou a rigidez da ideia primitiva que atravessava d'um extremo a outro, esta historia e a sustinha, dando relevo a todas as partes, uma e outra que formavam um bloco indestructivel.

O livro excitou na Inglaterra uma admiração universal. Aqui pensou se em conferir-lhe o premio de vinte mil francos de que a Academia Francaza dispõe todos os cinco annos, mas M. Cousin, tomou a sua vingança dos *Philosophes du XIX<sup>o</sup> siècle* e Taine não teve o premio. E' verdade que entrou um pouco mais tarde na Academia.

Depois d'este grande golpe, Taine não se demorou em produzir. Seria fastidioso o innumerar aqui todos os volumes e brochuras que publicava este benedictino sem ordens, incessantemente curvado sobre a meza de trabalho ou rebuscando nas bibliothecas publicas. E' preciso portanto abrir uma excepção para a sua grande obra de philosophia em tres grandes volumes, *A Intelligence* que levanta problemas que seria perigoso enunciar.

A sua velhice foi tão fecunda como o tinha sido a idade madura. Porque elle tinha uma saude robusta e não se sentia d'uma anemia cerebral que pelos trinta e cinco annos o tinha condemnado, elle o obstinado trabalhador, o grande rachador, como lhe chamava About, ao passar com verdura durante seis mezes, na montanha. Sabeis o barulho que excitou a publicação do primeiro volume das *Origines de la France contemporaine*; este barulho renovou se a cada um dos volumes que se seguiram e tendes ainda presente no espirito as polemicas que se travaram no anno passado, sobre o retrato que elle nos traçou de Napoleão, este *condottiere* do decimo quinto seculo.

Que restará da obra de Taine? Que restará da acção que exerceu no seu tempo? nada se pode saber ainda. M. Paulo Dajardino assegura que as novas gerações comecam a retirar-se d'elle, e que as sentia fugirem-lhe, que tomava o seu partido como philosopho dizendo para consolar-se, que tinha pensado d'outro modo, que os seus predecessores pensassem differentemente d'elle d'algum lugar que o futuro lhe reserve nas lettras e na philosophia. Comtudo elle ficará como uma das mais nobres figuras, uma das mais sympathicas d'este seculo. Não foi sómente um grande pensador e um admiravel escriptor; foi tambem um

homem honrado e o que é mais raro ainda um homem sinceramente modesto.

Testemunhou, nas ordens que deu para o seu enterro a mesma modestia que professou toda a sua vida. Prohibiu que discurso algum fosse pronunciado á beira do tumulo. Declinou as honras que lhe eram devidas como cavalleiro da Legião d'Honra. Porque elle não era senão cavalleiro! e eu não sei como nem porque havia accete a fitinha vermelha. Não se preocupou de a trocar pela roseta. Estes detalhes eram-lhe indifferentes. Pensava n'outras coisas.

Havia-se mudado para as margens do lago Anancy, para essa residencia encantadora, onde elle se comprazia desde muitos annos em descansar, philosophando na solidão, do ruido e do fumo de Paris. Gostava de banhar seus olhos na luz que coloria os cumes das montanhas. Vivia tranquillo, feliz, restringindo a sua sociedade á de um pequeno numero d'amigos intimos, com os quaes elle se entregava á noite a fallar de *omnia re scibili*; mas elle não precisava ajuntar; de *quibusdam aliis*.

Eis agora um fauteil vago na Academia. Quem irá substituir o auctor das *Origens da Franca contemporanea*? O impertubavel Emilio Zola apresenta-se. Taine tinha sempre votado contra elle, mais por fidelidade ao partido dos *ducs*, que por convicção litteraria. Seria curioso que fosse Zola o encarregado pela Academia, de pronunciar o seu elogio.

A vida litteraria tem d'estas ironias.

## RESSURREIÇÃO DE LAZARO

A Ressurreição de Lazaro é um dos factos mais notaveis da passagem de Christo pela terra.

A igreja festeja-o a 2 de setembro e a 29 de julho.

Ha tambem o domingo de Lazaro que é o anterior ao de Ramos e que no anno presente cahiu no dia dezenove d'este mez.

Muitas são as lendas sobre este mytho da liturgia, algumas das quaes são lindissimas de poesia e d'amor.

Perez Escrich na sua obra o Martyr do Golgotha assim conta esta passagem:

«A porta de uma casa de Bethania estava agrupada uma multidão de gente, ansiosa de vêr o cadaver de um homem justo e honrado que acabava de morrer.

Nunca o mendigo tinha chegado a pedir uma esmola diante d'aquella porta, sem que fosse soccorrido. O sequioso encontrava agua com que matar a sede que o devorava, o faminto o pão desejado.

O Homem Deus, o Divino Mestre, muitas vezes se tinha hospedado debaixo do tecto d'aquella casa caritativa.

O povo de Bethania adorava o dono d'ella. Porem Lazaro tinha morrido e o povo chorava a sua morte esperando junto á porta o cadaver do bemfeitor dos infelizes, do amigo do Messias, que devia ser enterrado no sepulchro de pedra construido pelos seus maiores.

No interior da casa ouvia-se o prolongado lamento das carpideiras de officio e o melodioso e triste preludio das flautas funebres.

Entremos na estancia mortuaria.

Lazaro envolvido em um lençol, jaz estendido sobre um leito ou ataúde. O cadaver está embalsamado e exhala um cheiro agradável. Quatro candelabros funebres allumiam o feretro.

Aos pés da cama, sentadas no chão vêem se duas mulheres com os pés descalços, vestidas com um tosco saial de lã e a cabeça cheia de cinzas. Estas mulheres choram amargamente e de vez em quando rasgam os vestidos e arrançam os cabellos.

Apezar do pranto e da pobreza do trajó, reconhece-se que ellas são formosas. Uma d'estas mulheres chama-se Martha; a outra, Magdalena, e ambas são irmãs do morto.

Alguns homens, parentes de Lazaro, sentados tambem no chão, exalam profundos suspiros e rasgam as suas vestimentas.

Alguna cousa mais affastada do leito estão as carpideiras, e atraz d'ellas os musicos funebres. Entre estes musicos vê-se um joven formoso, mas cujo semblante respira uma melancholia saudosa. Este joven tem sempre os olhos fixos em Magdalena e é Boanerges.

Um dos parentes de Lazaro, de barbas brancas e austero semblante, enxugou os olhos e disse aos assistentes que rodeavam o cadaver:

— Conduzamos ao sepulchro os restos de Lazaro.

Todos se pozeram em pé. Quatro mancebos pegaram pelos quatro extremos do ataúde e levantaram-o. Então o prestito funebre sahiu de casa. Adiante iam os musicos, depois as carpideiras, em seguida o cadaver e por fim os parentes e os amigos.

Ao cruzar a porta o prestito augmentou consideravelmente, e penetrou no jardim.

A lousa da campa estava fora do seu lugar.

Quando o enterro chegou junto do sepulchro um dos da comitiva entrou n'elle e examinou-o com attenção. Depois disse:

— Lazaro pode entrar na casa dos mortos,

Lazaro foi collocado no tumulo. Quando a pedrada lousa o cobriu, Martha dizia chorando:

— Se Jesus estivesse conosco, Lazaro não teria morrido.

dez. Corramos que já chegou. Está nos hortos visinhos fallando com os seus discipulos.

— Minha irmã — disse Magdalena — Jesus vem para a Bethania.

— Talvez, eu vou em procura d'elle, e entretanto fica tomando conta da casa.

Martha pegou no seu manto e sahiu em busca de Christo. Não tardou muito em encontral-o. Jesus estava rodeado de meninos e de mulheres. Quando Martha o viu, ajoelhou-se-lhe aos pés, dizendo-lhe:

— «Senhor, se tivesses estado aqui meu irmão não teria morrido.

— «Teu irmão resuscitará — disse lhe Jesus.

— «Bem sei — repôz Maria — que resuscitará na resurreição do ultimo dia.

— «Eu sou a resurreição e a vida — tornou a

homens tem presenciado, e aproximando-se do sepulchro, disse dirigindo-se aos que o rodeavam:

— Onde o pozeste?

— Vem, Senhor, e vel o-has — responderam-lhe.

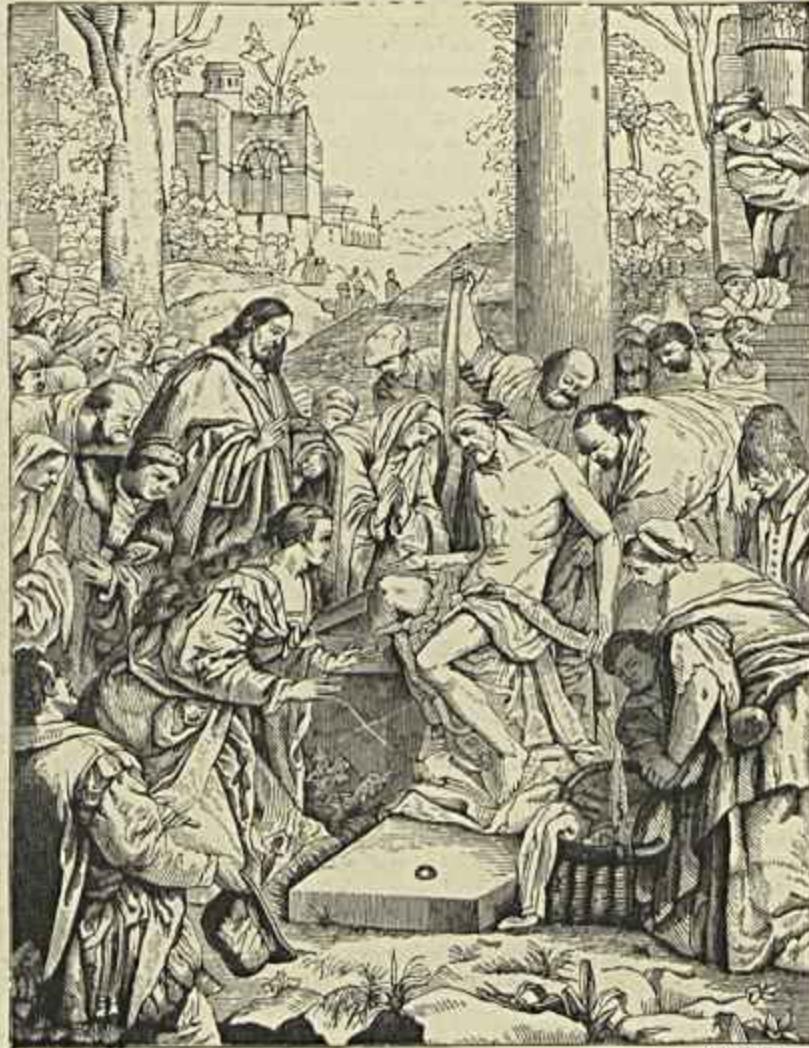
«E chorou Jesus, e disseram então os judeus: vede como o amava. (E. S. João, cap. xi.)

Um dos que presenciavam a dolorosa attitude de Jesus disse em voz baixa aos que o rodeavam:

— «Pois este que abriu os olhos ao que nasceu cego, não poderia fazer com que este não morresse?»

— «Tirae a lousa» — disse Jesus, approximando se do tumulo.

— «Senhor — exclamou Martha sem comprehender o grande milagre que Jesus ia fazer aos olhos de todos os que o rodeavam — vede que cheira mal, porque morreu ha quatro dias.»



## RESSURREIÇÃO DE LAZARO

(Copia de uma pintura allemã)

Depois decorreram quatro dias. Durante este tempo, como Bethania só distava cousa de meia legua de Jerusalem, muitos amigos do defuncto iam confortar as doloridas orphãs. Uma manhã disse um d'elles:

— Jesus abandonou a Judéa e vem para esta terra. Vós que tanto o amaes pedi-lhe que faça um milagre. O Mestre foi amigo de vosso irmão, e além o nome de Lazaro tem uma significação na escriptura<sup>1</sup> que deve dar alento ás vossas esperanças.

Apenas o jerosilimitano tinha pronunciado as anteriores palavras, quando as duas irmãs viram passar pela porta da casa um homem que dizia:

— Roboão viu-o: Josepe curou-se da sua sur-

dizer Jesus com a sua voz doce e tranquillã. — Aquelle que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá, e todo aquelle que vive e crê em Mim não morrerá jamais. Crês tu isto?»

— «Oh! — disse Martha com fé ardente — eu sempre acreditei que Tu és o Christo, o Filho de Deus vivo, que vieste a este mundo.»

Jesus continuou a sua marcha em direcção á aldeia de Bethania. Martha seguia-o supplicando-lhe que resuscitasse o irmão. Quando chegavam á porta do horto onde Lazaro estava enterrado, Christo, vendo Maria Magdalena, ajoelhada e chorando amarguradamente, sentiu o seu coração afflicto e *turvou-se em si mesmo*.

Algumas mulheres e parentes choravam tambem junto do sepulchro de Lazaro.

Jesus vendo tanta dôr pela perda de um homem honrado e justo, quiz fazer o maior milagre que os

— «Não te disse que se cresses verias a gloria de Deus? — replicou Jesus — Tirae pois a lousa.

E Jesus, erguendo os olhos ao ceu, continuou:

— «Pae, graças te dou porque me ouviste. Eu bem sabia que sempre me ouvés, mas fallei assim por attender a este povo, para que elle creia que tu me enviaste.»

Então Jesus vendo que a absorta multidão não tirava a lousa do sepulchro, como duvidando ou temendo, adiantou-se, e estendendo a mão, disse em tom prophético:

— «Lazaro, sahe para fóra.»

Sucedeu então uma cousa sobrenatural. A lousa do sepulchro cahiu ao chão sem que ninguem lhe tocasse. Os que se achavam presentes retrocederam alguns passos, porque viram sahir do vão d'aquelle tumulo um cadaver envolvido em um lençol e com o rosto coberto com um lenço-

<sup>1</sup> A quem Deus soccorre.

Como se tinha levantado aquelle corpo tendo os braços e os pés ligados? Ninguém podia explical-o. Porém o que era fóra de duvida é que Jesus tinha dito:

— «Lazaro sahe para fóra», e Lazaro abandonando o sepulchro obedecia á voz do Salvador.

— «Desatae-o e deixae-o ir» — tornou a dizer Jesus.

Lazaro tinha recobrado a vida.

Milagre portentoso e inolvidavel.»

Eis pois o que representa a nossa gravura, copia d'uma pintura allemã e que publicamos hoje como commemoração ao domingo de Lazaro.

### SEMINARIO DE VIZEU

O seminario da diocese de Vizeu, foi fundado em 1587 pelo bispo D. Nuno de Noronha que em virtude das disposições do concilio de Trento que

mas logo que se restaurou o antigo edificio, voltou o seminario para alli e conservou-se até 1824, em que se mudou para o convento dos *Nerys* onde hoje está.

Como o Seminario outr'ora se chamava tambem *Collegio* esse nome é conservado ainda hoje pelo edificio em que elle esteve até 1824.

Os rendimentos do antigo Collegio resumiam-se desde 1587 até 1771 na parquissima collecta que em conformidade com o espirito do concilio tridentino se lançava sobre os bens ecclesiasticos do bispado, comprehendendo os rendimentos das mezas pontifical e capitular, dos beneficos, comendas e conventos.

Durante os primeiros duzentos e seis annos, isto é, até 1793, havia o seguinte quadro de estudos:

3 Aulas de latim para os diversos graus de alumnos.

1 Aula de canto.

so e por estar reduzida a numero mui diminuto de congregados. Então o padre preposito tendo como certa a impossibilidade de poder subsistir a sua congregação n'aquella cidade, offereceu ao illustre bispo D. Francisco Alexandre Lobo a respectiva casa, pertencas e fundos para que o prelado melhorasse a accomodação do seminario.

O preposito entendia ser este o melhor modo de acabar a sua congregação e: «assim pagava um tributo de gratidão para com a mitra que em beneficio da casa tinha feito grandes despesas».

Em 14 de junho de 1824 fez-se a escriptura da cedencia e consignação de pensões entre o bispo e congregados, préviamente auctorizados pela provisão de D. João VI expedida em 17 de maio de 1824.

Assim passou a ser seminario o convento dos *Nerys* pelo que sobre a porta se gravou e lê a inscripção seguinte:



### SEMINARIO DE VIZEU

(Copia de uma photographia)

ordenava a creação de seminarios em todas as dioceses, o creou no seu proprio palacio (o *Paço dos 3 escaldes* ou da *Sé*), quando foi nomeado bispo de Vizeu, em 1586.

Seis annos depois reconhecendo D. Nuno a necessidade instantane d'um edificio apropriado e sufficientemente espaçoso para tal estabelecimento, resolveu construil-o prolongando para N. O. o seu palacio da *Sé*. Inaugurou com pompa essas obras no dia 6 de junho de 1593, mas não as concluiu por ser transferido para a diocese de Braga. Outros prelados se seguiram nas obras, taes como Frei Antonio de Sousa e outros, nomeadamente D. João de Bragança e D. João Manuel que despenderam sommas importantes, mas ainda em 1633 não estavam acabadas segundo se infere dos *Dialogos* do dr. Manuel Botelho Ribeiro.

Primeiramente funcionou o seminario de Vizeu no *Paço Episcopal da Sé*; como ficou dito, depois no edificio contiguo chamado *Collegio*. Um incendio em 14 de julho 1716 pelas oito da manhã, reduziu a cinzas parte do *Paço* e do edificio do *Collegio* ou seminario, e suppõe-se que este foi transferido para os baixos do *Paço de Fontellos*,

1 Aula de theologia moral.

Mais tarde o bispo D. Francisco Monteiro P. de Azevedo querendo melhorar a instrucção do clero, inaugurou em abril de 1793 as aulas de *Catholicismo* e a de *Instituções Canonicas*. Supprimiu depois a primeira, e em outubro de 1796 creou mais, as aulas de *Historia ecclesiastica* e *Theologia dogmatica*.

Dissemos que eram diminutas as rendas e prestes esteve a fechar-se o estabelecimento, pois já fóra reduzido o tempo lectivo e o de residencia dos alumnos, mas o bispo D. Francisco Mendes Trigo doo em dinheiro por duas vezes 5:200:000 além d'algumas obras feitas á sua custa. Já porque as aulas instituidas pelo bispo Azevedo que fez pagar pelas rendas da mitra os vencimentos dos professores das aulas que instituiu, já pela boa administração o fundo doado subiu á importante somma de 20:648:7400.

De outubro de 1823 data um grande melhoramento no que diz respeito á situação do Seminario.

Debatia se no ruir commum a tudo, a Congregação do Oratorio de Vizeu por falta de recur-

COLLEGIO FUNDADO EM  
1587 PELO BISPO D. NUNO  
DE NORONHA COM O TITULO  
DE SEMINARIO DA INVOCACÃO  
DE NOSSA SENHORA DA  
ESPERANÇA E MUDADO  
PARA ESTE LUGAR EM AGOSTO  
DE 1824

Por malquerença para com D. Francisco Lobo, appareceu uma vez esta lapide suja com tinta preta, taes calumnias se fizeram ao illustre bispo que até o arguiram de ladrão, e isto pelo extrenuo labor que devotou áquella instituição. Este erudito prelado legou mais tarde a sua riquissima bibliotheca ao Seminario.

A aquisição do convento dos *Nerys*, foi a melhor possivel, pois é um edificio amplo, elegante, mui solido e com uma igreja bonita e bastantes accomodações. Demora sobre um vasto campo, o mais regular de Vizeu, em terreno mimoso e com uma linda cerca, perto da cidade mas sem visinhança que perturbe os seminaristas. Tem o *mas, mas* que ha em tudo, é o local ser mui humido.

E' um dos edificios de Vizeu, mais alegre e vistoso e mais vantajosamente situado que o velho Seminario ou Collegio, pois que esse estava em sitio aspero e desabrido muito exposto a faiscas electricas e devassado, e por cumulo uma visinhança mui pouco agradável a estudiosos — a dos sinos da Sé.

Em 1834, quando se extinguiram as ordens religiosas a prefeitura tomou posse da casa da Congregação de Vizeu e n'ella se estabeleceram diversas repartições publicas. Protestou o reitor contra a usurpação, fazendo vêr e provando que desde 1824 o dito convento era propriedade do *Seminario*.

No mesmo sentido representou a auctoridade ecclesiastica e com o apoio do administrador do concelho (depois conego) José d'Oliveira Berardo; o governo reconsiderou e mandou restituir o convento ao vigario capitular da diocese o conego José Viçoso da Veiga, mas antes d'elle tomar posse, um incendio na noite de 26 para 27 de janeiro de 1841 fez em cinzas todos os moveis e documentos que alli haviam e do grande edificio apenas escapou a igreja e a livreria que estava no quarteirão do lado sul.

Nos annos de 1842 e 1843 foi reconstruido á custa das rendas do proprio *Seminario* que dependeu na restauração cerca de 16 contos de réis — ficou muito solido e como novo — e é hoje um dos primeiros do nosso paiz.

Reabriu em 1844; esteve na posse do governo desde 1834 a 1841 e estiveram interrompidas as aulas desde 1832 até 1843, ou durante onze annos, isto com grave prejuizo para a educação do clero.

Ao zelo dos seus reitores, entre os quaes tem lugar distincto, o conego honorario — Ignacio Alexandre de Magalhães — se devem importantes melhoramentos nas suas rendas e no edificio que está mui bem tratado e conservado e pôde prover setenta logares gratuitos de alumnos pobres.

No anno de 1887 admittiu 70 alumnos pobres dos quaes são 52 gratuitos e 18 pagam a mensalidade de 5000 réis e 3000 réis sendo o total dos habitantes da casa com os empregados, vice-reitor e perfeitos, 79 pessoas.

O quadro de estudos está assim dividido *Curso de preparatorios* consta de 9 cadeiras e disciplinas: portuguez, francez, latim, arithmetica, geometria plana e principios de algebra, geographia, cosmographia e historia universal patria, philosophia racional e moral e principios de direito natural, latitudine e litteratura nacional.

Presentemente ha mais a cadeira de Introducão.

O *Curso Theologico* divide-se em 3 annos a duas disciplinas cada um. Ha ainda umas *aulas annexas* em que se ensina, musica sacra, canto-chão e lithurgia.

Creou-se tambem mais outra cadeira de *Archeologia christã*.

Terminando: a nossa gravura representa o actual seminario que se ergue na extremidade sul do *Campo Alves Martins* sobre o qual tem uma soberba fachada, como se vê da estampa, com tres pavimentos e na sua extremidade oeste a linda igreja que foi dos congregados e que forma um todo com a dita fachada olhando ambos para o norte. Dos 3 pavimentos o 1.<sup>o</sup> ou rez-do-chão tem 10 grandes janellas gradeadas de ferro e o portão na sua extremidade quasi contiguo á igreja: N'este pavimento estão as aulas, a cozinha refeitório, etc.

Os outros dois tem na frente 3 sacadas e 8 janellas cada um.

A frontaria prolonga-se de este a oeste tem de extensão 54,84 centimetros comprehendendo a fachada da igreja, que tem de largura 15,51 além de 0,33 na base dos cunhaes.

A igreja é de architectura Composita tem 1 nave e 7 altares.

N'ella ha communicação interior para os 3 pavimentos do seminario e grande côro sobre o guardavento com muita luz que recebe de 3 grandes janellas. A capella-mór tem um elegante retabulo de madeira e talha moderna muito simples, com a imagem de S. *Filippe Nery*, padroeiro e fundador da antiga congregação do oratorio do lado do evangelho — imagem romana de esculptura romana — e do lado da epistola a de S. Francisco d'Assis.

Tem de largura a capella-mór 6,7 e de comprimento 11,52 desde a frente do altar mór até ao cruzeiro, além de 3,80 que occupam o altar e a tribuna.

O corpo da igreja tem de largura 10,66 e 25,45 de comprimento. Total do seu comprimento até ao altar-mór 36,97 — e comprehendendo o altar e tribuna 40,70.

A sacristia tem de largura 7,23 e de comprimento 11,35, não comprehendendo o lavatorio que é uma imponente obra de arte, feito de bello granito muito bem cizelado com altas pyramides e tres bicos d'agua perenne que jorram da bocca de tres phantasticas carrancas. Serviu outr'ora de sacristia e tem 2 portas de communicação para a actual.

A torre ergue-se na recta-guarda da capella-mór; é elegante e termina em varandim e cupula redonda perfeitamente semelhante aos varandins e cupulas das torres actuaes da Sé.

## DEPOIS DA LUCTA

Este gracioso quadro, é uma aquarella de Strabel que tem feito a volta ao mundo.

O assumpto que inspirou o artista foi aquelle tão conhecido rancor mutuo do gato e do cão. Imaginae que n'uma sala estava um dom Tareco qualquer muito bem refestellado sobre o sophá e que, quando o illustre gato se preparava a dormir pensando n'um proximo ataque ao peixe que havia de chegar do mercado e outros sonhos de igual jaez, entra e arremete a elle o fiel Piloto que chegara da rua com o creado.

Logo mestre gato trata da defensiva e encostando-se vae á parede, agora salta sobre uma meza, agora sobre uma cadeira, o cão persegue-o tenazmente, vóam os chapéus, do dono da casa, o casaco e os phosphoros espalham se, emfim uma verdadeira peleja.

N'um dos assaltos o fiel Piloto cahiu desastradamente sobre as costas d'uma cadeira. Correu-lhe o sangue e então o gato pôde esconder-se, o triste ferido veiu para a cozinha onde lhe ataram o lenço na cabeça e elle desejando tirar desforra volta á sala onde agora está mui paciente a espera do inimigo. Embora acabrunhado ainda arreganha o dente a qualquer que seja.

## OS PAÇOS MONASTICOS DE MAFRA

(Continuado do n.º 510)

Dois afamados poetas e prosadores portuguezes, Alexandre Herculano e Anthero de Quental, escreveram de Mafra com notavel desdem.

Disse o primeiro:

«D. João V teve como Luiz XIV o seu Louvre; mas um Louvre em harmonia com o caracter, não tanto religioso como beato e hypocrita, do seu paiz n'aquella epoca. — Mafra é um monumento rico, mas sem poesia, e por isso sem verdadeira grandeza; é o monumento de uma nação que dormita apoz um banquete como os de Lucullo; é o toucador de uma Laes ou Phrine assentado dentro do templo do Deus dos christãos, e, sob outro aspecto, é a beataria de uma velha tonta, affectando a linguagem da fé ardente de Origenes e de Tertuliano. — Sem constestação, Mafra é uma bagatella maravilhosa, o dixe de um rei liberal, abastado e magnifico; é pouco mais ou menos o que foi Portugal na primeira metade do seculo xviii. — Collocae pela imaginação Mafra ao pé da Batalha, e podereis entender quanta é clara e precisa a linguagem d'estas chronicas lidas de poucos, em que as gerações escrevem mysteriosamente a historia do seu viver. A Batalha é grave como o vulto homerico de D. João I, poetica e altiva como os cavalleiros da ala de Mem Rodrigues, religiosa, tranquilla, santa como D. Filipa rodeada dos seus cinco filhos. As mãos que edificaram Santa Maria da Victoria, meneando as armas em Aljubarrota, deviam ser vencedoras. A Batalha representa uma geração energica, moral e crente: Mafra uma geração afeminada que se finge forte e grande. A Batalha é um poema de pedra; Mafra uma semsaboria de marmore. Ambas, eccos perennes que repercutem nos seculos que vão passando a expressão complexa, e todavia clara e exacta, de duas epocas historicas do mesmo povo, sua juventude viçosa, e sua velhice cachetica. 1.<sup>a</sup>

Observou o segundo:

«Basta erguer os olhos para essas lugubres moles de pedra, que se chamam o Escorial e Mafra, para vermos que a mesma ausencia de sentimento e invenção, que produziu o gosto pesado e insipido do Classicismo, ergueu tambem as massas compactas e friamente correctas, na sua falta de expressão, da architectura jesuitica. Que triste contraste entre essas montanhas de marmore, com que se julgou attingir o grande, simplesmente porque se fez o monstruoso, e a construcção delicada, aerea, proporcional, e por as-

sim dizer, espiritual dos Jeronymos, da Batalha, da cathedral de Burgos! 2.<sup>a</sup>

Ninguem dirá, ao ler taes periodos, que algum d'esses escriptores penetrou jamais na basilica de Mafra! Entraram, porém, lá outros, que possuiram tambem nobres e elevadas intelligencias, e cuja reputação é universal; mas que não eram portuguezes para menoscabarem o que na verdade só merece louvores, incorrendo na antiga pecha que já Sá Miranda assacara ao caracter nacional, que

O muito dos seus despreza,  
O nada estrangeiro estima.

A Barreti, como viros, não escapou que a egreja «é rica em marmores e riquissima em paramentos.»

Beckford, exprimindo claramente a sua admiração, escreveu n'um impeto de enthusiasmo: — «A primeira vista da egreja é majestosa. — Dá logo nos olhos o altar-mór com duas magnificas columnas de marmore vermelho e variogado, ambas inteiriças e de trinta pés de altura. Trevisani pintou magistralmente o retabulo que representa Santo Antonio no extasis de tomar nos braços o Menino Jesus, baixando á sua cella, cercado da refulgencia da gloria. — Nunca observei um conjunto de formosos marmores como o que resplandecia por cima, abaixo e em redor de nós: o pavimento, a abobada, a cúpula e até o laternim do remate são forrados dos mesmos preciosos e duraveis materiaes: rosas e grinaldas de palmas de marmore mui primorosamente lavradas eriquecem todas as partes do edificio. Nunca vi capiteis corinthios melhor modelados, nem esculpidos com maior precisão e engenho do que os das columnas que sustentam a nave. 3.<sup>a</sup>

Lord Byron, que foi a Mafra em julho de 1809, deixou na *Peregrinação de Childe Harold* alguns versos não menos significativos do que a prosa do seu illustre conterraneo, proprietario da quinta de Monserrate, os quaes, traduzidos em vulgar, dizem assim: — «Mafra onde viveu n'outro tempo a infeliz rainha de Portugal; 4.<sup>a</sup> onde as vestes da egreja se confundiam com as galas da côrte; e ora se viam nobres, ora se viam trades — extranha salada, penso! Mas a prostituta de Babilonia levantou aqui uma basilica, com a qual se pavoneia em tão glorioso esplendor» etc.

A dome, where flaunts she in such glorious sheen

Nas cartas a sua mãe, de agosto do mesmo anno, diz ainda lord Byron: — «Perto de dez milhas á direita de Cintra está o palacio de Mafra, de que se ufana Portugal, como poderia fazel-o qualquer paiz, com respeito á magnificencia, sem elegancia. — A grandeza de Mafra é prodigiosa; comprehende um palacio, um convento e uma egreja majestosa (*most superb church*, trad. litt. *soberbissima egreja*). Os seis orgãos são os mais bellos que tenho visto, quanto a decorações. Não os ouvimos tocar, mas disseram-nos que as vozes correspondiam ao esplendor da forma.»

Outro viajante, cuja auctoridade é desnecessario enaltecer, o conde de Raczynski, auctor de uma obra excellente, *Les arts en Portugal*, diz maravilhas da egreja de Mafra: — «O retabulo do altar-mór, — são palavras suas — que representa Santo Antonio em adoração deante da Virgem, obra do seculo XVIII, é um bello quadro; porém, o estylo dos baixos relevos feitos em marmore branco, que adornam os demais altares, está longe de ser classico. Todavia, a egreja toda vista interiormente forma um conjunto harmonioso de proporções e de côres. A um tempo rica e simples, apresenta a mais completa unidade: — é um modelo de architectura. Não procureis anachronismos nem confusão de idéas, que os não tem; e, se o progresso não chegar até lá, ha de ser bella até cair.»

Das 62 estatuas colossaes de fino marmore, vindas de Italia, que adornam a fachada, o vestibulo e a egreja, diz ainda o mesmo illustre escriptor que algumas satisfizeram o seu gosto, e outras não; e que uma das cousas que maior impressão lhe causou n'esta egreja foram dois cancellos de ferro enormes, de primorosa execução, com ornamentos dourados, um dos quaes ainda hoje se conserva na capella do Sacramento, no cruzeiro, do lado do Evangelho, tendo sido mandado para o museu archeologico do Carmo o outro que separava o corpo da egreja da capella-mór. Ambos

1. Panorama de 1843, pag. 189.

2. Causa da decadencia dos povos peninsulares.

3. Panorama de 1850, pag. 287.

4. D. Maria I.

esses cancellos haviam sido allí collocados pelos conegos regrantes de Santo Agostinho, quando estiveram em Mafra no reinado de D. José I.

A comparação de Mafra com o Escorial accorde mui naturalmente, sobretudo a quem visitou esses dois monumentos, e foi isto o que succedeu ao principe de Lichnowsky, como se vê do seu *Portugal: Recordações do anno de 1842*. «Observa-se, porém, das suas disposições — diz elle de Mafra — que dominou ali a desgraçada mania da imitação, e que se pretendeu seguir o pensamento do Escorial de Filippe II. Tanto em um como em outro edificio, a igreja acha-se no centro, e o convento, dividido em trezentas cellas, occupa a parte que é posterior ao côro; do mesmo modo em ambos existem os aposentos para a familia real dos dois lados da igreja». Cita a este proposito a seguinte opinião do celebre architecto Murphy: — «Se os thesouros que custou este con-

vento fossem empregados em executar um plano melhor, resultaria innegavelmente uma massa de construcções superior em merito architectonico ao proprio Escorial». E admira-se com razão o illustrado principe de que fosse possível «chegar a concluir uma edificação tão descommunal no espaço de um só reinado e com os recursos materiaes de um unico paiz.» Não ficou, todavia, insensível perante as bellezas d'esse rico monumento, e confessou que, sejam quaes forem os defeitos que se notem na construcção do edificio, considerado no seu conjunto, «de certo não pode deixar de excitar a admiração e de parecer grandioso.» Maravilhado da belleza do marmore de côres, notou que é de grão muito fino, e que o negro não tem o menor veio branco. Foi todo extrahido das pedreiras de Cintra e de Pero Pinheiro.

(Continúa).

Alberto Telles.

## SONETOS DE BOCAGE

### TEXTOS

Oh! Rei dos reis! Oh! arbitro do mundo,  
Cujas mãos sacras os maus fulmina,  
E a cuja voz terrífica e divina  
Lucifer treme no seu caos profundo:

Lava-me as nodas do peccado immundo  
Que as almas cega, as almas contamina,  
O rosto para mim piedoso inclina  
Do eterno imperio teu, do céu rotundo!

Estende o braço a lagrimas propicio,  
Solta-me os ferros em que choro e gemo  
Na extremidade já do precipicio!

De mim proprio me livra, oh Deus Supremo!  
Porque o meu coração propenso ao vicio  
E', Senhor, o contrario que mais temo!

Nos campos o villão sem sustos passa,  
Inquieto na Corte o nobre mora:  
O que é ser infeliz aquelle ignora,  
Este encontra nas pompas a desgraça.

Aquelle canta e ri; não se embarça  
Com essas cousas vans que o mundo adora:  
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,  
Porque não acha bem que o satisfaza.

Aquelle dorme em paz no chão deitado;  
Este no eburneo leito precioso  
Nutre, exaspera velador cuidado,

Triste, sae do palacio majestoso.  
Se has de ser cortezão, mas desgraçado.  
Antes ser camponez, mas venturoso.

Apenas vi do dia a luz brilhante  
Lá de Tubal no emporio celebrado,  
Em sanguineo caracter foi marcado  
Pelos Destinos meu primeiro instante.

Aos dous lustros a morte devorante  
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado:  
Segui Marte depois, e enfim meu fado  
Dos irmãos e do pae me poz distante.

Vagando a curva terra e o mar profundo,  
Longe da patria, longe da ventura,  
Minhas faces com lagrimas inundo.

E em quanto insana multidão procura  
Essas chimeras, esses bens do mundo,  
Suspiro pela paz da sepultura.

Se considero o triste abatimento  
Em que me fez fazer minha desgraça,  
A despedaçação me despedaçou  
No mesmo instante o fragil sofrimento.

Mas subito me diz o pensamento,  
Para aplacar-me a dor que me traspassa,  
Que este, que trouxe ao mundo a Lei da Graça  
Teve n'um vil presepe o nascimento.

Vejo na palha o Redemptor chorando,  
Ao lado a mãe, prostrados os pastores,  
A milagrosa estrella os reis guiando,

Vejo-o morrer depois, oh peccadores,  
Por nós; e fecho os olhos, adorando  
Os castigos do Céu, como favores.

### VERSIONE

O Re dei Regi! o Arbitro del mondo,  
La cui mano castighi al reo destina,  
E alla cui voce imperiosa e divina  
Trema Satán nel suo caos profundo!

Lava le macchie del peccato immondo  
Che accesa l'alme, che l'anime inquina,  
Pietoso dal tuo regno il volto inclina  
Verso me che il mio tallo non t'ascondo.

Stendi il braccio, al mio pianto sii propizio,  
Toglimi i lacci in cui lacrimo e gemo  
Stando nell'imo già del precipizio!

Da me stesso mi salva, o Dio Supremo!  
Perchè il mio core ognor propenso al vizio  
E', Signore, il nemico che più temo.

Passa il villan nei campi ore serene,  
Scontento in Corte il nobile dimora;  
Quei del suo stato la durezza ignora,  
Questi nel fasto incontra amare pene.

Quel canta e ride, e neppur si sovviene  
Di quelle vanità che il mondo adora;  
Questi (oh cieca ambizion!) spesso s'accòra,  
Perchè saziar nol puote nessun bene.

Quei dorme in pace su paglia adagiato;  
Questi in un letto eburneo prezioso  
Da crude ansie e vigilie è tormentato,

Triste, esce dal palagio maestoso.  
Se esser dei cortigian, ma disgraziato,  
Val meglio contadin, ma venturoso.

Appena io gli occhi apriva al dì smagliante  
Di Tubal nell'emporio celebrato,  
Già in lettere di sangue era segnato  
Dal fier Destino il mio primiero istante.

Sui due lustri la morte divorante  
Le tue carezze, o madre, mi ha rubato:  
Poi seguí Marte, e infin mi trasse il Fato  
Dai germani e dal padre assai distante.

Vagando per la terra e il mar profondo,  
Fuor della patria, lungi da ventura,  
Le guancie mie con pianto amaro inondo.

E mentre a insana turba è in somma cura  
Cercar chimere e il ben di questo mondo,  
La pace invoco della sepultura.

Se rifletto al profondo scoramonto  
In cui venne a lanciarmi la disgrazia,  
La disperazion così mi strazia,  
Che il mio fragil soffrir disfarsi io sento.

Ma subito mi dice il pensamento,  
Per far di calma la tua voglia sazia,  
Che chi ci diè la Legge della Grazia  
Ebbe in presepio vile il nascimento.

Vedo su paglia Gesù lacrimare,  
La madre al lato suo, prona i pastori,  
La stella prodigiosa i Re guidare,

Per noi morir lo vedo, o peccatori;  
Velo allor gli occhi, e mi fo ad adorare  
I castighi del Ciel, come favori.

Peragallo.

## O REINO DAS SEREIAS

HISTORIA PHANTASTICA

(a Julio de S. usa Pereira Girão)

(Continuado do n.º antecedente)

V

Era pois n'esta gruta tão caprichosa quanto o fôra a natureza que a formara, que viviam as sereias e haviam estabelecido o seu reino.

Innumeros naufragios a ellas foram devidos, pois que, atrahindo os incautos navegantes os guiavam com a sua voz dulcissima, em direcção aos escolhos ou d'encontro a correntes contrarias em que os navios se submergiam e as tripulações pereciam em sacramento, aos caprichos das arditas sereias.

N'um d'esses naufragios concelhados, ellas aprizionaram a imperatriz Buzilda então em viagem e encerraram-na nos seus paços submarinos.

Buzilda foi transformada em sereia, pela fada Meluzina, o que frustou as indagações, que se fizeram para encontrar rastro da immortal imperatriz cujo imperio era o dos beijos, pesquizes feitas pelos seus sensuaes e lealissimos vassallos.

Coincidiu este facto com a chegada de Laimie ao reino das sereias mas o ar já lhes faltava e só alguns minutos havia que allí chegara. Horrificado pela comprehensão da impossibilidade de salvamento, elle invocou Deus, Belzebuth e até lluja a sua fada protectora. Pediu e supplicou o que de mais singular, o que de mais extranho, pode ser pensado.

Commovida a boa fada, por ser mui sensível, tratou de mingoar o soffrer do seu pupilo e então transformou-o em lyrio branco.

Novo desespero do niveo Laimie, novas tristezas. Tanto soffreu que se tornou roxo e rogou outra metamorphose.

A generosa fada concedeu-lha, mas só apôz de muito instada pela sereia Hara e ainda a rogos e empenhos d'esta o fez Gallo Marinho.

Comtudo a sereia rainha não tinha de possuir o sympathico Laimie, embora lhe dispensasse a sua protecção.

Quando o Gallo Marinho entrou no reino das sereias, ali introduzido pela formosa Hara, ficou extatico pela belleza do espectáculo que se offerecia a seus olhos.

A graça e gentileza com que se meneavam aquelles monstros fabulosos, a dulcissima voz d'aquellas semi-mulheres, captivava-o e fascinava-o.

Agora, cantam, e do seu canto elle é o thema. Seu nome é pronunciado como rima cuja cadencia e doçura só é excedida pela belleza das cantoras.

Em torno d'elle ellas giram, escondem-se-lhes, espalmam a escameada cauda que se abre como um leque todo feito de madreperola.

Agora uma o abraça e elle sente um fremito que lhe recorda o sexo, pois que mudou de estrutura, de forma, mas não de essencia, de alma. Essa sereia que o amplexa, não é como as outras, decerto que tambem possui alma, essencia divina, porque em seus olhos brilha a esperanza e em seus labios permanece um perpetuo sorriso.

Beijam-se, comprehendem-se.

Terá chegado ao seu fim a sereia rainha?

Não, porque essa sereia que o abraça é Buzilda, é ser humano, victima assim como Laimie do encantamento das astuciosas sereias.

VI

Os dois seres encantados, communicam suas maguas e querem protestar mutuo auxilio e talvez seu amor, pois que se sentem atrahidos; mas, allí não o podem fazer como desejam. São observados, combinam portanto uma fuga, e já que a sorte caprichou em tornal-os peixes, irmão para outras paragens, mais distantes, onde vivam um para o outro, livres da sereial astucia, occultos e felizes.

São vigiados e espionados e n'esse vigiar distingue-se pelo atilado, a sereia Hara.

Conseguem fugir e lá vão por essas aguas em busca de outras paragens mais propicias aos seus amores.

Atraz d'elles corre tambem a formosa Hara que para não ser descoberta e reconhecida ordenou a uma das fadas do seu reino a transformasse por alguns momentos em hydromedusa.

A essa ordem Meluzina metamorphoseou-a e por vingança não lhe deu a forma pedida pela sereia rainha, mas sim de araze que é uma certa especie de peixe que os vorazes tubarões muito

apreciam por se parecer com a carne dos escravos a quem, por simples aperitivo, devoram uma perna ou todo o corpo.

Vemos pois que, Hara assim transformada corria perigo de ser prato obrigado ao gargantua appetite de qualquer dos ferozes habitantes do fundo dos mares.

Mas, uma circumstancia, desconhecida de Meluzina, era a da sereia rainha conhecer que ao menor contacto que soffresse com um corpo estranho, retomaria a sua verdadeira forma.

Pelo visto, esta propriedade de quebrar o encanto frustrava os designios maldosos da illustre fada.

Comtudo, a *capтивante* sereia tinha a sua vida pouco segura, só com esta quebra de encanto, que apesar de verdadeira a não impedia de ser devorada.

Laimie e Buzilda eram seguidos pela sereia; aconteceu que ao tornejar certo banco de madreporas, os dois enamorados avistaram ao longe um enorme vulto que se movia em sua direcção. Julgaram fosse algum cetaceo, inoffensivo, portanto, para elles.

Mas essa hypothese era errada e assim o reconheceram os dois amantes. A tanta profundura nenhum cetaceo vae e mais um de tão avantajadas dimensões como aquelle, porque apesar de longe já impulsionava as aguas. Alguns cetaceos ha que tem a respiração tão limitada que necessitam imperiosamente vi-rem frequentes e repetidas vezes beber o oxigenio sob outra forma do que aquella em que o encontram nas aguas.

Vem tomar ar e portanto impossivel lhes é distanciarem-se muito da superficie. Eis o que pensa Laimie. Buzilda já distingue o monstro marinho e grita possuida de medo. Então o sympathico amante reconhece que é um ichthyosauo.

## VII

Um ichthyosauo ! gritam ambos a uma voz e Buzilda transida de susto abraça-se a Laimie que se não sente menos aterrado do que a divina imperatriz dos beijos. Momentaneo é este instante de hesitação. Separam-se os dois amantes e vendo uma vasta caverna no banco de madreporas, dirigem-se para ella no intuito de se esconderem. Appressam-se, pois já ouvem o resfolgar do monstro. Impetuosos jorros de agua lhes vem beijar as costas, pelo que presumem o monstro corra sobre elles, redobram de esforços por alcançar a caverna e conseguem-no quando o monstro já quasi os toca.

Era tempo.

O monstruoso animal, maior que a entrada da caverna, afocinha d'encontro a ella e não consegue entrar.

Eis pois, salvos os dois enamorados mas outro tanto não succede á sereia Hara, que vendo o perigo se tenta esconder, subtrahir-se ao enorme monstro anti-diluviano cuja estrutura parece incrível: é golfinho, é crocodilo, é lagarto, é cetaceo, é peixe. E, comtudo assim é, o tocinho de golfinho, os dentes de crocodilo aliados e fortes como os de um caimão, agudos e grandes como os de um jacaré verde, deseguaes, ralos e espaçados como os de um gavial; cabeça e externo de cobra, ou melhor, de lagarto; quatro pernas como as de um cetaceo e vertebrae de peixe.

Eis como esse monstro era, um mixto de anormalicas formas, proprio a infundir terror, e respeito e, talvez, asco.

Lança o enorme animal pelas fossas superiores, fortes columnas de agua, que jorram por serem comprimidas. Escancara a enorme bocca onde a agua entra precipitando-se como n'um abysmo. Caminha para Hara, que em vão tenta fugir-lhe. Ninguem a salvará!

O ichthyosauo já a abocanha, vae-a tragar. Ouve-se um grito lancinantissimo, um arranco de dor.

Quem o deu?

(Continúa)

Esteves Pereira.



## REVISTA POLITICA

É ainda o negocio dos credores estrangeiros o que está promovendo continuadas reuniões de conselho de ministros, e traz os espiritos suspensos sobre a sua solução, tanto mais que tem corrido certos boatos de novas notas diplomaticas respeitantes a este malfadado negocio, notas que effectivamente se diz existirem, apesar de todos os desmentidos com que tem accudido os varios órgãos politicos.

É quanto podemos avançar sobre o assumpto e se o leitor achar pouco, creia que nas regiões do poder não se sabe muito mais, pela simples razão de não sabermos como resolver o negocio airoosamente, ainda que não seja mais que nas apparencias.

Não levantemos mais a pontinha do veu porque

riamente pagar o que deviam; é bom, porem o saber-se que uma boa parte d'aquellas dividas, especialmente as que respeitam a direitos de mercê, não são só culpados de as não pagar os agraciados, mas sim as repartições respectivas por onde se faz essa cobrança, porque sabido é de mais que, nas repartições publicas onde o pessoal superabunda para receber os seus vencimentos, é onde justamente o mesmo pessoal mais falta para trabalhar e ter massadas.

Adiante, não nos detenha-mos com coisas séccas.

Hoje mesmo publica o *Diario do Governo* um decreto sobre a contribuição predial, mandando criar umas comissões provisórias, districtaes, para procederem á inspecção e avaliação directa das propriedades rusticas e urbanas, afim de habilitarem o governo a reformar a citada contribuição.

A nossa idea sobre este ponto como a expozemos na nossa ultima revista, era muito mais practica, oh! se era.

Estas comissões correm o mesmo perigo que as da revisão das matrizes, e é o de não fazerem nada, o que emfim não seria para sensurar uma vez que as comissões de agora não custam mais despeza ao Estado, e quanto ás outras custaram algumas centenas de contos.

O referido decreto diz no seu artigo 1.º o seguinte:

«É creada em cada districto administrativo uma comissão de caracter provisorio, composta de um official do exercito em serviço na direcção geral dos trabalhos geodesicos, do agronomo do districto, e de um empregado de fazenda, afim de proceder á inspecção directa e á avaliação dos predios rusticos e urbanos nos respectivos districtos.»

Nas cidades de Lisboa e do Porto as comissões são compostas de um engenheiro e de um architecto com o empregado de fazenda etc.

Parece-nos que, mesmo no melhor dos casos, os trabalhos d'estas comissões serão demasiado lentos, e que hão de encontrar os mesmos inconvenientes que até aqui tem encontrado os escrivães de fazenda sempre que se tem mettido com certos triumphos eleitoraes etc.

Veremos e fallaremos. E' preciso que todas as medidas que o governo tem tomado para zelar pelos interesses do thesouro se executem sem excepções nem hesitações, sustentando toda a força da lei, para que se não diga que essas medidas foram apenas poeira deitada nos olhos, para melhor dispor o publico a aceitar novos tributos ou o agravamento dos que existem.

Ha varios caminhos para ir a Roma e por isso é bom não bater as palmas antes de tempo, sem'ver até que ponto chegam estas medidas moralisadoras.

Nós estamos assim, porque primeiro que todas as politicas possíveis, ainda mesmo que viessemos fazer politica n'este lugar, estão os interesses da patria, que são os da familia portugueza, e para lastimar é que esses interesses tenham andado tão descurados, em proveito de interesses pessoais e egoistas.

Por fim vamos dar ao leitor uma novidade divertida, se é que a não sabe já.

O sr. conde de Burnay está decididamente eleito deputado por Thomar. O tribunal superior lá conseguiu puchar bem a somma dos votos e encontrou o prestimoso titular em maioria.

O caso foi celebrado em Thomar com jubilosas manifestações á chegada do sr. conde, que foi logo vêr o seu povo e receber os louros da victoria.

Se tivera sido o sr. Amado o vencedor, ter-se-hiam dado as mesmas manifestações, pelo que ficamos sempre a matutar sobre estes contentamentos dos povos em face dos seus representantes.

Final quem são os festeiros, são os povos ou os seus representantes?

João Verdades.



## DEPOIS DA LUCTA

(Aquarella de R. Strabel)

não desejamos de forma alguma com a nossa indiscripção, perturbar as serias locubrações em que anda o governo para melhor engolir a pirola.

Pois hem, deixai o, e o que fôr soara...

Não se pôde negar que o governo tem desenvolvido certa actividade, como de quem está moço e folgado, nos diversos ramos da administração publica.

O monopolio dos alcools foi o que primeiro mereceu as suas atenções, e o sr. ministro da fazenda, sem hesitações nem mais demoras desmanchou a egrejinha que se estava armando e com que o thesouro, na forma do costume, ia sendo illudido nos seus proventos. No Porto tem ido uma rasea pelos depositos de alcools, e sóbe já a centenas de contos o alcool apprehendido pelas auctoridades fiscaes, sonogado aos direitos.

Veremos em que tudo isto fica, porque estamos tão incredulos como S. Thomé.

O mesmo dizemos com respeito as contribuições em divida ao thesouro.

Já se tem feito reclamo ao decreto que mandou activar a cobrança d'aquellas contribuições, dissendo-se que muitos devedores tem ido volunta-